



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

A voz de Chatô

Animado pelo espírito de audácia, Assis Chateaubriand, o cangaceiro modernista e modernizador da comunicação no Brasil, realizou tantas façanhas na condição de homem de ação e de empresário desbravador, que essas duas facetas soterraram o jornalista e, principalmente, o jornalista-escritor. Mas ele teve a sorte de ser saudado em 6 de maio de 1969, com um discurso revelador, pelo poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, ao tomar posse na Academia Brasileira de

Letras da cadeira anteriormente ocupada pelo jornalista paraibano. É uma das mais brilhantes análises sobre a relação entre jornalismo e literatura escritas no Brasil.

João esquece as anedotas, se concentra precisamente no jornalista e o alça à condição de um dos grandes escritores brasileiros. O poeta esteve com Chatô uma única vez em uma conversa que se desdobrou em monólogo polêmico por duas horas pela fluência verbal e verve do paraibano. “Minha índole é de controvérsia”, dizia Chatô.

Cabral flagrou ali o aspecto mais original do grande prosador paraibano de Umbuzeiro: parecia que já tinha ouvido aquela voz tão singular dos artigos que lia desde os tempos de adolescente no *Diário de Pernambuco*: “E não disse

‘grande prosador paraibano de Umbuzeiro’ como forma retórica: é que, para mim, o jornalista Assis Chateaubriand foi na verdade um prosador dos melhores, e um prosador em que estão presentes os traços mais distintivos dos escritores do Nordeste”.

João observa, com agudeza, que por mais espontânea que pareça, a língua do jornal não é a língua falada. O exercício do jornalismo, a obrigação de escrever, de qualquer maneira, sobre o que quer que aconteça, e sempre contra o relógio, não leva o jornalista a empregar sua maneira própria de falar, sua voz física: sim, o leva a empregar uma língua outra, a língua do jornal, o jornalista. “Pois se as condições do trabalho de redação prejudicaram esse escritor sob certos pontos de vista, não puderam

prejudicá-lo naquilo que, para um escritor, é essencial: encontrar sua voz própria, esse sotaque pessoal, que Chateaubriand, com o instinto do verdadeiro prosador, transformou em estilo.”

O estilo de Chatô não tem nada de planejado: é simplesmente o estilo que ele achou quando sua situação de jornalista-dono-de-jornais lhe permitiu escrever, não em estilo de jornal, mas da maneira como bem lhe parecesse, observa João. “Ora, ao poder escrever como bem lhe parecesse, Chateaubriand se viu escrevendo como falava. Quando liberado dos espartilhos da convenção jornalística, a que o obrigava o fato de escrever para jornais dos outros, Chateaubriand encontra, escrevendo, sua maneira de falar, sua voz física: ora, por debaixo dela estava

o Nordeste, que era o timbre e a dicção dessa voz”.

Por isso, João usou a expressão língua falada e não língua coloquial. “Esses artigos estão escritos numa língua falada, mas na língua falada pessoal do homem Assis Chateaubriand, e não numa língua de quem estava procurando reproduzir a maneira de falar de uma situação determinada, ou de uma pessoa outra. É a língua de uma pessoa que fala como quem discute, como era a própria fala de seu autor, e que discute sempre apaixonadamente”. O inconformismo dos escritores surgidos a partir dos movimentos de renovação das artes dos anos 1920 impactou Chateaubriand e o transformou em cangaceiro modernista, que escavou a própria voz nas páginas efêmeras dos jornais.

URBANISMO / Caminhar e pedalar são atividades comuns em toda cidade, mas cada vez mais difíceis no DF. População sofre com buracos, bueiros abertos e ciclovias inacabadas, dentre outros problemas

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Hérika reclama do risco das ciclovias “que somem” no Sudoeste

Para Pedro, caminhar virou “um transtorno”

Dona Helena tem medo, todos os dias, de “ser atropelada e cair”

Os desafios da mobilidade

» LAEZIA BEZERRA

A mobilidade urbana e as más condições de deslocamento das pessoas no Distrito Federal causam impacto, não só pela falta de um transporte público de qualidade ou pela alta frota de carros em circulação nas ruas, mas principalmente por conta da falta de infraestrutura e ausência de manutenção e de segurança das vias, calçadas e ciclovias. São muitos os desafios que prejudicam a vida do pedestre no dia a dia, com buracos, bueiros abertos, entulhos e lixo espalhado nas vias, além da falta de iluminação e de segurança.

É comum ver, em vez de praças e espaços de convivência, grandes áreas tomadas por carros e outros entes que atrapalham quem caminha a pé. A dificuldade está em

todas as regiões do DF, de um bairro novo como o Sudoeste, onde as calçadas inacabadas se confundem com as ciclovias, a regiões mais populosas como Taguatinga, onde o pedestre precisa disputar as pistas com os carros.

Percentual

Pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em dez maiores regiões metropolitanas do Brasil aponta que o DF é a unidade da Federação com menor proporção de pessoas que andam a pé ou de bicicleta. Apenas 11% da população usa a mobilidade ativa para ir e vir do trabalho. Entre os mais pobres, essa taxa fica em aproximadamente 14% dos habitantes e entre os mais ricos, chega a 4%.

“Independentemente da renda, o baixo índice do uso do

transporte alternativo no DF é uma questão estrutural. As pessoas estão acostumadas com o padrão urbanístico da cidade e isso molda o comportamento delas, que não têm estímulo para a prática da mobilidade ativa”, destaca Rafael Pereira, pesquisador do Ipea.

De acordo com o pesquisador, uma das hipóteses para o uso de mais carros e menos locomoção a pé ou de bicicleta é a falta de manutenção nas ruas, o que gera insegurança ao pedestre.

Insegurança

Para Hérika Rodrigues, 41 anos, andar pelas ruas do DF é uma tarefa difícil. Moradora do Cruzeiro Novo, ela e o marido possuem carro, mas caminham com frequência e têm de enfrentar calçadas inacabadas, bueiros abertos, desnível nas pistas e entulhos espalhados no caminho.

“Desde o Cruzeiro até o Sudoeste as calçadas são descontínuas, não têm rampas. Estamos andando por elas e, de repente, já estamos na ciclovias ou na pista, porque se misturam — começam e não terminam, simplesmente

somem. Apesar dos percalços eu opto por andar a pé. É mais econômico, e promove saúde”, frisa.

Na QNM 42 de Taguatinga, Helena Rodrigues, 67 anos, também enfrenta problemas nas ruas esburacadas e na disputa por espaço com os carros. Moradora de Samambaia, ela vai à igreja quase todos os dias e sofre com a falta de manutenção.

“Tenho medo de ser atropelada, de cair. Cerca de três anos atrás pisei na grama, estava escuro, caí em um buraco e torci o pé”, conta.

A falta de infraestrutura nas ruas é um problema que atinge também a vida da diarista Luísa de Jesus Santana, 45, moradora de Taguatinga. Com problema no quadril, devido a artrose e a falta de cartilagem, a mulher anda com o suporte de uma muleta e diz que ruas esburacadas e com asfalto desnivelado são o seu maior tormento.

“Cada buraco ou desnível que eu piso me desequilibram, além do impacto que às vezes me leva ao chão. Sinto dores terríveis, tenho pavor dos carros passarem em cima de mim. Não existe calçada para pessoas com dificuldades de caminhar como eu”, reclama.

Não muito distante, no Setor H Norte, o estudante Pedro Henrique Barretos, 20 anos, perfaz o caminho para ir à faculdade e ao trabalho todos os dias, mas conta que tanto o ato de chegar à parada de ônibus como o de voltar para casa terminam sendo tarefas complexas e cheias de transtornos, por conta dos problemas.

“Brasília é uma cidade de aparências, as regiões em torno da capital estão esquecidas. Há um total descaso com a população. Sem falar que, além de econômico e saudável, andar a pé é uma questão ambiental”, ressalta.

Política Urbana

O Estatuto da Cidade estabelece princípios gerais da política urbana, de forma a estimular a estruturação de programas de mobilidade, como o direito a cidades sustentáveis. O deputado distrital Max Maciel (PSL) apresentou Projeto de Lei na Câmara Legislativa do DF, que prevê a requalificação total da estrutura de acessibilidade no Distrito Federal.

“Além de Brasília ser uma cidade pensada para carros, a

falta de acessibilidade e de segurança causa transtornos para quem precisa caminhar pelas ruas. O poder público precisa corrigir isso. É necessário rediscutir a utilização dos espaços e oferecer segurança para uma mobilidade ativa no DF. Não adianta alargar pistas, construir viadutos, se não existirem calçadas, acessibilidade e iluminação para que o pedestre, o idoso e a pessoa com deficiência possam caminhar pelas ruas”, alerta.

Investimentos

A Secretaria de Transporte e Mobilidade (Semob) informa que o governo tem investido na melhoria da estrutura cicloviária para contemplar diversas regiões. A pasta também informou que está em processo de elaboração da ciclofaixa, projeto que beneficiará inúmeros ciclistas e também pedestres.

Dentre os locais a serem contemplados estão Samambaia Norte, Planaltina, Ceub, Autódromo, Octogonal/Sudoeste, Samambaia/Taguatinga e proximidades do Ceub e do Autódromo.



AVISO DE REGISTRO DEFINITIVO DE CHAPAS – CREFITO-11

A COMISSÃO ELEITORAL DO CONSELHO REGIONAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL DA 11ª REGIÃO - CREFITO-11, Autarquia Federal instituída pela Lei Federal nº 6.316, de 17 de dezembro de 1975, devidamente constituída conforme a Portaria nº 58, de 27 de fevereiro de 2023, torna público, nos termos do § 1º do artigo 13 da Resolução-COFFITO nº 519/2020, o julgamento das habilitações, conforme ata de julgamento constante dos autos, tendo sido deferido o pedido de inscrição de 02 chapas. Chapa nº 1 “CREFITO + DF: REPRESENTATIVIDADE, INOVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DIGITAL”, composta pelos seguintes profissionais candidatos a Conselheiros efetivos e suplentes, respectivamente: Sérgio Gomes de Andrade, CREFITO 11 nº 134782-F; Júlio César Florêncio Isidro, CREFITO 11 nº 76324-F; Júlio Carlos Peles, CREFITO 11 nº 24351-F; Messias Rodrigues Fernandes, CREFITO 11 nº 15964-TO; Samira Mendonça de Almeida Feres, CREFITO 11 nº 97456-F; Nara Beatriz Matos, CREFITO 11 nº 36686-F; Yara Helena de Carvalho Paiva, CREFITO 11 nº 2259-TO; Vivianne de Castro Gusmão, CREFITO 11 nº 55127-F; Mariana dos Santos Oliveira de Sousa, CREFITO 11 nº 16240-TO; Kleriston Gomes Paz Borges, CREFITO 11 nº 151233-F; Túlio da Silva Medina, CREFITO 11 nº 18578-TO; Paulo Eugênio Oliveira de Souza e Silva, CREFITO 11 nº 101809-F; Marianne Pinheiro Marques, CREFITO 11 nº 15497-TO; Lillian Aparecida Santos, CREFITO 11 nº 53983-F; Maria Aparecida Moreira Costa, CREFITO 11 nº 147276-F; Márcio de Paula e Oliveira, CREFITO 11 nº 75988-F; André Luiz Maia do Vale, CREFITO 11 nº 101157-F; e Priscilla Flávia de Melo Fernandes, CREFITO 11 nº 64087-F; e Chapa nº 02 “TRANSFORMAÇÃO, GERAÇÃO CONSCIENTE”, composta pelos seguintes profissionais candidatos a Conselheiros efetivos e suplentes, respectivamente: Allan Keyser de Souza Raimundo, CREFITO 11 nº 99525-F; Afonso Jorge Venutolo Duarte, CREFITO 11 nº 122.132-F; Fabiolla Mattia Dickel, CREFITO 11 nº 102.035-F; Ennio Marco Pereira Becatini, CREFITO 11 nº 74.386-F; Elizabeth Rideko Imoto, CREFITO 11 nº 78.834-F; Leonardo Domingues Ramos, CREFITO 11 nº 71.409-F; Euler Roque Oliveira, CREFITO 11 nº 99525-F; Bruno Metre Fernandes, CREFITO 11 nº 69.471-F; Paulo Henrique Gabriel Porto, CREFITO 11 nº 220.274-F; Vinícius Bezerra da Silva Muniz, CREFITO 11 nº 104.718-F; Carolina de Castro Soares, CREFITO 11 nº 102442-F; Felipe Alves Machado, CREFITO 11 nº 47.528-F; Cristina Maciel da Silva, CREFITO 11 nº 199.952-F; Igor Ribeiro Soares, CREFITO 11 nº 148.968-F; Felipe Villa Verde Futuro, CREFITO 11 nº 105.880-F; Lillian da Cunha Bocchi, CREFITO 11 nº 116.466-F; Mariana Almeida de Paiva Gouveia, CREFITO 11 nº 182.726-F; e Marina Vitorino dos Santos, CREFITO 11 nº 168.718-F.

ISABELLI RODRIGUES PINHEIRO
Presidente da Comissão Eleitoral

RECONHECIMENTO

Homenagem do Rotary ao Correio

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A. Press



O certificado foi entregue pelo Rotary Internacional à diretora de redação do Jornal, Ana Dubeux



O título Paul Harris, da Fundação Rotária e da instituição Rotary, é um reconhecimento ao apoio dado ao Rotary na divulgação dos projetos e ações do Rotary Club Brasília Lago Sul”

Jordivar Filgueira